

# Mulheres negras no ensino de arte e a superação do racismo

*Black women teaching art to overcome racism*

*Mujeres negras en la enseñanza del arte y la superación del racismo*

**JAQUELINE DA SILVA DE ASSIS<sup>1</sup>; PAULO CÉSAR ANTONINI DE SOUZA<sup>2</sup>**

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, SME, CHAPADÃO DO SUL-MS, BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, UFMS, CAMPO GRANDE-MS, BRASIL

## RESUMO

Este artigo reúne contribuições de uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de compreender como as acadêmicas negras do curso de Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul percebem as relações de raça e preconceito nas artes visuais e em sua formação docente. O desenvolvimento da pesquisa buscou conexões entre o campo artístico e o protagonismo da mulher negra e, por meio de uma metodologia qualitativa analisou três monografias produzidas por acadêmicas negras no período de 2015 a 2018. No processo, foram delineadas três categorias temáticas: A) Reflexões sobre a mulher negra; B) A mulher negra como artista; C) A mulher negra como professora. Nas considerações destaca-se a necessidade de revisão curricular para o ensino de arte com a valorização de artistas negras, respeito e sensibilização com a participação negra na história do Brasil, visando à superação do preconceito e do racismo.

**Palavras-chave:** Formação Docente. Arte Brasileira. Educação para as Relações Étnico-Raciais.

## ABSTRACT

This article compiles contributions from a research project aimed at comprehending how black female students in the Visual Arts Teaching program at the Faculty of Arts, Letters, and Communication of the Federal University of Mato Grosso do Sul perceive racial relations and prejudice in visual arts and their teacher training. The research sought connections between the artistic domain and the role of black women. Through a qualitative methodology, it analyzed three theses produced by black female students between 2015 and 2018. Throughout this process, three thematic categories were delineated: A) Reflections on black women; B) Black women as artists; C) Black women as teachers. In the conclusion, the need for a curriculum revision in art education is emphasized, focusing on the appreciation of black artists, fostering respect and awareness of black contributions to Brazil's history, with the aim of overcoming prejudice and racism.

**Keywords:** Teacher Education. Brazilian Art. Education for Ethnic-Racial Relations.

## RESUMEN

Este artículo reúne las contribuciones de una investigación desarrollada con el propósito de comprender cómo las académicas negras del curso de Licenciatura en Artes Visuales de la Facultad de Artes, Letras y Comunicación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul perciben las relaciones de raza y prejuicio en las artes visuales y en su formación docente. El desarrollo de la investigación buscó establecer conexiones entre el ámbito artístico y el protagonismo de la mujer negra y, mediante una metodología cualitativa, analizó tres monografías producidas por académicas negras en el período de 2015 a 2018. En el proceso, se delinearon tres categorías temáticas: A) Reflexiones sobre la mujer negra; B) La mujer negra como artista; C) La mujer negra como profesora. En las conclusiones, se destaca la necesidad de revisar el plan de estudios para la enseñanza de arte con la valorización de artistas negras, el respeto y la sensibilización sobre la participación negra en la historia de Brasil, con el objetivo de superar el prejuicio y el racismo.

**Palabras clave:** Formación Docente. Arte Brasileña. Educación para las Relaciones Étnico-Raciales.

<sup>1</sup> Professora de Arte na SME de Chapadão do Sul-MS. Membro do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Investigação de Fenomenologia em Artes (NINFA). E-mail: [jaqueline.assis21@gmail.com](mailto:jaqueline.assis21@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9130-7056>.

<sup>2</sup> Professor Adjunto dos cursos de Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado e no Programa de Mestrado Profissional em Artes da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na UFMS. Líder do NINFA. E-mail: [paulo.antonini@ufms.br](mailto:paulo.antonini@ufms.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4040-1485>.

## INTRODUÇÃO

*Nunca se esqueçam das lições aprendidas na dor*  
(Ditado africano).

Este artigo se constitui por aportes de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o Curso de Artes Visuais Licenciatura na Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A curiosidade inicial para a investigação, que resultou na monografia, emergiu durante a disciplina Arte Brasileira, cujas aulas promoveram um processo reflexivo em torno da presença de artistas negras no ensino e na história da arte no Brasil, especificamente nas artes visuais<sup>3</sup>.

Destacamos reconhecer que existem artistas negras e negros, com produções catalogadas e cujos registros alcançam algumas das discussões sobre a arte nacional no Brasil, mas ainda assim, nos provoca incômodo verificar que esses registros são mínimos e que, especialmente as artistas mulheres têm pouca representação. Compreendemos que as concepções sobre as relações raciais e como elas estão presentes na trajetória de vida das pessoas negras são significativas para contemplarmos esse contexto, considerando que em nosso país, o imaginário nacional foi historicamente moldado, dificultando a percepção do racismo velado pela branquitude, que em acordo com Denise Carreira (2013, p. 75):

[...] é compreendida como um sistema de valores e comportamentos que toma o ser branco como o modelo universal de humanidade, o representante de todas as pessoas. Esses valores levam a uma espécie de cegueira social, fazendo com que parte das pessoas brancas não consiga enxergar a dor das que enfrentam discriminação étnico-racial. A branquitude faz com que muitos entendam como ‘natural’ a desigualdade entre pessoas de diferentes pertencimentos raciais.

Essa desigualdade às vezes não é percebida nem por aquelas que vivenciam tal realidade. São inúmeras situações de preconceito para com as mulheres negras, uma realidade que a sociedade não enxerga ou não quer enxergar, na perspectiva de que:

O racismo opera estruturalmente na formação social capitalista. Estrategicamente funciona como mecanismo definidor de lugares sociais. Com a atual ofensiva do conservadorismo, as antigas desigualdades advindas do período colonial escravista são reeditadas e têm resultado em profundas violações de direitos humanos, as quais dilaceram e despoticizam essas populações (MADEIRA; GOMES, 2018, p. 477).

Na contemporaneidade podemos perceber cada vez mais mulheres negras contando suas próprias histórias, principalmente a partir do campo das Artes, superando uma ausência que é derivada de uma noção preconceituosa da história da arte, na perspectiva de que “[...] ou os artistas negros não eram historiados, ou a arte de origem negra ou africana era desconsiderada história da arte” (SALUM, 2004, p. 337).

A partir da experiência da autora que integra a escrita deste trabalho, percebe-se que os corpos humanos cujas características demonstram a descendência africana são vistos com reservas, causando formas plurais de violência, alimentada por um sistema que reforça os estereótipos. Até bem pouco tempo, como podemos observar na programação televisiva, as

---

<sup>3</sup> É oportuno sinalizar que esse mesmo fenômeno se repete também nas artes cênicas e na música.

artistas negras que trabalhavam nesta mídia, seja em filmes, novelas ou propagandas, como indicam os estudos de Juliana Santana (2010); Fernanda Barbosa dos Santos e Renata Pitombo Cidreira (2019); Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019), assumiam personagens como empregadas domésticas, babás, escravas, dentre outras.

Personagens médicas, arquitetas e etc., ainda são exceção, pois existe um padrão de beleza que promove o embranquecimento de personagens de destaque. Nos raros casos em que a negra e o negro protagonizam papéis fora da esfera subalterna, estes são considerados desvio de norma, superando o preconceito, problemática também observada por Ana Ângela Farias Gomes e Victor Ramos (2023). De acordo com a análise de Sirlene Alves e Marcelino Rodrigues (2018), as influências das matrizes africanas na arte brasileira são evidentes, permeando o ritmo da música, a energia da dança, as cores e formas das artes visuais, abrangendo diversas linguagens de expressão de diversas maneiras. No entanto, “[...] tanto as heranças artísticas e culturais negras, quanto às obras de arte de negros e seus descendentes não recebem a devida contextualização como produto de um grupo social que possui uma memória e uma identidade” (ALVES; RODRIGUES, 2018, p. 802).

Destacamos que, nesse aspecto, o modo como os empregos são estruturados na sociedade tem efeito direto na questão racial, resultando em desigualdade de direitos e discriminação, muitas vezes imperceptível e não reconhecida pelas próprias vítimas (NOGUEIRA, 2007; SILVA, 1999). Essa discriminação revela uma atitude culturalmente condicionada desfavorável em relação a grupos estigmatizados.

As escolas ainda enfrentam essas questões e, apesar de serem um espaço adequado para discussões sobre a igualdade racial, a valorização do conteúdo obrigatório estabelecido na Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que inclui a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino, ainda é limitada. Embora tenha havido progressos desde sua implementação, existem barreiras a serem superadas, como a maneira pela qual esse conteúdo é abordado.

Tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares, o cumprimento da lei depende do interesse de cada indivíduo. Para compreender plenamente as vantagens da Lei 11.645/2008 (BRASIL, 2008), que representa um marco histórico na luta antirracista no Brasil e na transformação da política educacional e social do país, são necessárias estratégias de formação que possibilitem a compreensão do racismo, sua existência e a busca de sua superação, enfatizando a valorização e o respeito pela cultura africana e pela população negra.

Observamos que esse processo se ordena, como compreende Souza (2022), de forma ontológica<sup>4</sup>, e suas etapas podem promover práticas escolares reflexivas que auxiliem a reduzir atitudes discriminatórias ou preconceituosas, como também preconiza bell hooks<sup>5</sup> (2013). Nesse contexto, o trabalho com a cultura afro-brasileira nas escolas, especialmente nas aulas de arte, oferece a oportunidade de construir narrativas que valorizem a história de uma parcela significativa da população que foi historicamente invisibilizada, pois a escola é “[...] uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade” (GOMES, 2003, p. 170) e as professoras e professores, podem e devem trabalhar a favor da superação desses preconceitos.

Na pesquisa que embasa esta investigação, com o intuito de compreender como as acadêmicas negras do curso de Artes Visuais Licenciatura da FAALC/UFMS percebem as relações de raça e preconceito no contexto das artes visuais e em sua formação docente,

---

<sup>4</sup> Nessa perspectiva, destacamos a assunção de uma abordagem fenomenológica que se materialize por uma construção também epistemológica e metodológica.

<sup>5</sup> Nome grafado com letras minúsculas, a partir da orientação da própria autora, para destacar o conteúdo de sua escrita e não a sua pessoa.

adotamos uma abordagem qualitativa, e amparados por metodologia desta modalidade de pesquisa, selecionamos e analisamos três trabalhos de conclusão de curso produzidos no período de 2015 a 2018.

## A MULHER NEGRA NA ARTE E NA EDUCAÇÃO

O ensino de arte tem como um de seus principais objetivos o desenvolvimento do pensamento crítico, proporcionando a liberdade de expressão e sensibilidade a todos os alunos por meio de referências artísticas apresentadas em sala de aula e das produções artísticas que eles mesmos realizam. Para Ana Mae Barbosa (2017), essa abordagem visa principalmente permitir que os estudantes expressem seus sentimentos.

Segundo Barbosa (2017), essa didática pode enriquecer significativamente o repertório artístico dos estudantes durante sua formação, ressaltando que a disciplina de arte nas escolas não deve ser encarada como um momento de entretenimento ou recreação. Nesse contexto, quem está no lugar da docência deve atuar na mediação dos processos de ensino e aprendizagem, estimulando o interesse e a motivação discente, integrando a arte ao cotidiano e estabelecendo conexões com referências artísticas.

Ao abordarmos o tema da representatividade das mulheres negras na arte brasileira, consideramos importante destacar dois pilares essenciais: os movimentos negros e o feminismo no Brasil. Nos últimos anos, o questionamento sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira tem agitado as bases sociais, ganhando visibilidade, especialmente quanto ao lugar de fala, que, segundo Djamilia Ribeiro (2017), é um lugar social, uma localização de poder dentro da estrutura, no sentido de existência. Nesse contexto, para contar a história da mulher na arte, é necessário destacar que eram homens, na maioria, que tinham acesso à leitura e à escrita, conseqüentemente detinham o poder do conhecimento, pois:

Mesmo que muitas mulheres não estivessem marginalizadas dos meios intelectuais e artísticos, foram poucas as constatações de sua presença registradas na história. Apesar de terem sido suprimidas em boa parte da história da arte como artistas, as mulheres foram tema de inúmeras representações artísticas desde os mais remotos tempos (ALMEIDA, 2010, p. 57).

As mulheres foram frequentemente excluídas do protagonismo ao longo da história, especialmente no campo das artes, assumindo, no entanto, um lugar de objetificação por meio de representações. Os corpos femininos têm sido um tema recorrente nas pinturas realizadas por homens, onde predominava o olhar masculino que detinha o controle da ação e o papel de criadores de arte.

Essa tendência levava à representação das mulheres em uma variedade de contextos, muitas vezes reduzindo-as à condição de simples objetos. Como ilustração, na obra “O almoço na relva” de Manet, conforme enfatizado por Flávia Almeida (2010), a perspectiva erótica predominante estava associada a uma reverência e exaltação da beleza, chegando ao ponto em que a mulher retratada no quadro parecia diretamente conectar-se com o espectador, como se estivesse declarando: “Eu sou o almoço”.

Paradoxalmente, a inclusão das mulheres nas instituições de ensino de arte é um marco histórico relevante. Os registros indicam que esse processo teve início em 1881, quando o Liceu de Artes e Ofícios, fundado no Rio de Janeiro em 1858, tornou-se a primeira instituição pública a admitir alunas. Interpretando a proposta daquela instituição de ensino, Ana Cláudia de Moura Cabral (2018) destaca que o ingresso no Liceu visava a “[...] capacitação técnica e artesanal para o surgimento de uma indústria nacional. Com o mesmo raciocínio, a

inauguração de turmas para mulheres tinha o intuito de proporcionar às mulheres pobres uma forma de contribuir no sustento de suas famílias” (CABRAL, 2018, p. 113).

A Escola Nacional de Belas Artes, também no Rio de Janeiro, só abriu suas portas para mulheres a partir de 1892, e no final do século XIX, de acordo com Andréa Coutinho (2007), as mulheres começaram a figurar nos salões de arte. Segundo Coutinho (2007), algumas artistas escolhem criar obras que simbolizam ou evocam experiências corporais e rituais femininos de forma simbólica, enquanto outras concentram-se em abordar questões políticas e sociais, denunciando o racismo, a violência e as imposições enfrentadas pelas mulheres.

Há uma abordagem autobiográfica nesses trabalhos que revelam a história de vida da própria artista, transformando vivências pessoais e intimidade em experiências estéticas e, a partir da década de 1960, com o movimento feminista adquirindo força e impulsionando uma nova postura social, as mulheres começam a assumir o controle de suas circunstâncias e conquistar diversos avanços, inclusive no campo das artes. Nesse contexto, elas começaram a pleitear seus espaços nos museus, organizando exposições próprias, gerenciando galerias e oferecendo aulas particulares.

Essas ações foram estratégias para contornar as estruturas predominantemente masculinas e colocar o feminino e sua perspectiva como temas centrais, conforme observado por Uta Grosenick (2003), com mulheres negras desempenhando papéis como professoras em universidades, produtoras de arte, curadoras, organizadoras e diretoras culturais. Almeida (2010) destaca, que simultaneamente a essa onda renovadora dos movimentos libertários, surgiram novas formas de expressão artística, nas quais o corpo tornou-se um tema de debate social que convergiu com as lutas sociais pela inclusão de grupos marginalizados, como negros e homossexuais, além da busca pela emancipação das mulheres.

A questão do corpo como suporte artístico desafiou os conceitos tradicionais da arte ocidental, levando as mulheres a incorporarem integralmente suas identidades em seus trabalhos, não apenas dialogando com a sensibilidade, mas também reivindicando seus espaços públicos como protagonistas de suas vidas. A década de 1980 testemunhou uma geração mais jovem de mulheres que buscavam mudar o foco temático e inspiração em diversas imagens, situações e contextos relacionados à condição da mulher, algumas abordando temas com ironia e humor, mas sempre mantendo a centralidade da identidade feminina (ALMEIDA, 2010), que nos anos de 1990, ganhou o reforço técnico e artístico da fotografia.

No contexto desta linguagem e a partir dela, na contemporaneidade do cenário artístico nacional, destaca-se especialmente Rosana Paulino, que para a pesquisadora Niura Legramante (2023) tem relevância considerável, uma vez que o trabalho da artista aborda questões sociais, étnicas e de gênero, revelando as múltiplas formas de violência enfrentadas pelas mulheres negras, além de expor o racismo estrutural e os vestígios da escravidão ainda presentes na sociedade contemporânea.

Os movimentos sociais negros alcançaram vitórias significativas, incluindo a implementação de políticas públicas como as ações afirmativas, que melhoraram o acesso à Educação para a população negra nas últimas décadas (MOREIRA, 2011). Hoje, podemos identificar uma presença social e cultural crescente de referenciais de pessoas negras na sociedade brasileira, embora ainda em escala reduzida.

As questões de gênero e a luta das mulheres negras por reconhecimento, respeito e igualdade tiveram início no Brasil no final da década de 1970, coincidindo com o surgimento dos movimentos negros, e persistem até os dias de hoje. Em acordo com Ana Angélica Sebastião (2010), nos últimos trinta anos, houve um avanço nas mobilizações das mulheres negras, que se uniram em fóruns, coletivos e associações, trabalhando arduamente para

estabelecer um novo referencial simbólico sobre o papel das mulheres negras na sociedade brasileira.

O feminismo negro no Brasil tem como foco a luta feminista, o combate ao racismo, ao sexismo e ao patriarcado, e a busca por uma mudança social que desafie esses problemas é uma empreitada conjunta em direção a uma narrativa renovada, centrada na mulher negra como agente de transformação. No entanto, é importante considerar que: “Ainda que a experiência coletiva dos povos descendentes dos africanos escravizados tenha sido forjada no contexto histórico de cada localidade, isso não elimina o racismo como categoria para repensar as teorias, discurso e práticas feministas num contexto diaspórico” (SEBASTIÃO, 2010, p. 71).

Voltando ao campo educativo, destacamos que a presença de docentes negros, e especificamente a da professora negra no espaço público, rompe barreiras profissionalmente<sup>6</sup>, interferindo na manutenção dos vários estereótipos criados sobre o negro brasileiro, principalmente aquele que coloca as pessoas negras como incapazes intelectualmente (MOREIRA, 2011). Nesse sentido:

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão-de-obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais (CARNEIRO, 2003, p. 121).

No contexto da autora que integra essa pesquisa, por sua vivência e significações da existência, ser professora negra é enfrentar as desigualdades sociais que estão presentes dentro do campo escolar. Quando questionamos as pessoas que hoje começam a atuar na docência, são raras, ou mínimas as referências de professoras negras quando estavam cursando o ensino fundamental e até mesmo o ensino médio<sup>7</sup>. O racismo estrutural e a ausência de problematização conscienciosa sobre esse fenômeno naquela época não lhe permitia identificar o preconceito e o racismo.

Hoje percebemos que essa desigualdade também afetava a agressividade e estimulava um certo tipo de discriminação velado por “brincadeiras” na escola. Assim como para ensinar a ler e a escrever, precisamos de exemplos práticos para legitimar as identidades negras na sociedade, nos colocarmos no lugar do outro para combater a discriminação e acompanhar os processos que envolvem o desenvolvimento dessas ações para ampliar a possibilidade de que a transformação aconteça.

Entre os desafios que limitam a implementação eficaz da legislação (BRASIL, 2003; 2008; 2011) no currículo escolar, destaca-se a falta de formação e capacitação dos professores para abordar essa temática de forma adequada em suas aulas. Podemos ainda observar nessa carência a dificuldade que muitos docentes sentem em incorporar a cultura afro-brasileira em suas aulas de arte, sem contextualização histórica e desconhecendo os símbolos e significados subjacentes, limitando-se, por exemplo, à criação de máscaras africanas.

No âmbito da formação docente, é relevante destacar que no currículo dos cursos de licenciatura, existe uma disciplina dedicada às relações étnico-raciais. Especificamente na

---

<sup>6</sup> Atualmente, com base em dados da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEB/UFMS) por meio da Secretaria de Acessibilidade e Ações Afirmativas (SEAAF/DIIEST/PROAES), temos a informação que, do total de 1489 docentes efetivos na UFMS, 293 se identificam como pretos ou pardos. Dentre os 75 substitutos, 17 se identificam como pretos ou pardos, e do contingente de 38 visitantes, 07 se identificam como pretos ou pardos.

<sup>7</sup> Destacamos aqui que reconhecemos que pode haver uma variação geográfica que oferece outros resultados para essa constatação. Por esse motivo, esclarecemos que essa observação envolve a experiência da autora e do autor deste artigo, a partir das regiões centro-oeste e sudeste do Brasil.

UFMS, essa disciplina foi implementada desde 2011, abordando diversos tópicos relacionados a essa temática e com nomenclatura variada: Cultura e Relações Étnico-Raciais; Educação das Relações Étnico-Raciais; Educação e Relações Étnico-Raciais; Educação e Relações Étnico-Raciais; Relações Étnico-Raciais; Tópicos Especiais XII - Educação para as Relações Étnico-Raciais<sup>8</sup>.

No entanto, em muitos casos, há um descaso institucional em relação a essa disciplina, refletido na indicação de docentes sem a devida capacitação, pesquisa ou formação adequada para ministrá-la, como aponta Verônica Ferreira (2018). Isso perpetua preconceitos e equívocos, estabelecendo um ciclo que pode se repetir quando esses licenciandos estiverem atuando no ensino básico.

Pensando nesse ciclo e na potencial quebra dele nos anos vindouros, a investigação pela qual se articula esse artigo se volta para a formação docente. Considerando elementos e o espaço no qual se encontram envolvidos a autora e o autor deste trabalho, foi lançado um olhar para o modo como outros Trabalhos de Conclusão de Curso, do curso de Artes Visuais Licenciatura, apresentam construções nesta temática.

### **A PESQUISA DE/SOBRE MULHERES NEGRAS NO TCC DE ARTES VISUAIS**

Para atingir nosso objetivo nesta investigação, adotamos uma abordagem qualitativa, conforme preconizado por Bogdan e Biklen (2004), ordenando-nos por uma pesquisa bibliográfica, cujas fontes primárias (BERTUCCI, 2014) foram os trabalhos de conclusão de curso do programa de Artes Visuais Licenciatura da FAALC da UFMS. O material consultado, pertencente ao acervo do curso de Artes Visuais Licenciatura, é de caráter público e foi selecionado com base em um recorte temporal que abrange o período de 2015 a 2018.

A seleção seguiu três critérios específicos: a autoria dos trabalhos por mulheres negras, a abordagem de temáticas relacionadas à negritude e a elaboração de projeto de curso para o ensino de artes visuais<sup>9</sup> com foco nessa perspectiva, afinal “Os investigadores qualitativos partem para um estudo munidos dos seus conhecimentos e da sua experiência, com hipóteses formuladas com o único objectivo de serem modificadas e reformuladas à medida que vão avançando” (BOGDAN; BIKLEN, 2004, p. 83). Em acordo com esses critérios, foram encontrados três trabalhos de conclusão de curso.

Apesar de se tratar de documentos de acesso público, requisitos obrigatórios para a conclusão do curso de Artes Visuais Licenciatura, optamos, neste artigo, por preservar o anonimato das autoras dos trabalhos pesquisados, em respeito ao fato de que em dois deles o volume final não estava disponível para consulta<sup>10</sup>. Desse modo, para a análise, utilizamos um trabalho em formato digital em PDF, na versão final, produzido no ano de 2015 sob autoria da Acadêmica A; um trabalho impresso na versão da banca final, produzido no ano de 2016 e

---

<sup>8</sup> Os dados de 2019 fornecidos pelo Setor de Gestão de Recursos Humanos, por orientação da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), revelam que, dos 45 docentes que lecionaram disciplinas relacionadas às relações étnico-raciais na UFMS, 17 se autodeclararam como pretos ou pardos, 2 como indígenas e 19 como brancos, enquanto sete pessoas não forneceram informações ou autodeclaração.

<sup>9</sup> O projeto de curso para o Ensino de Artes Visuais envolve a construção, no curso de Artes Visuais Licenciatura da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação na UFMS, de uma sequência didática com dez aulas a partir do tema de pesquisa dos formandos e subordinado à Resolução CNE/CES nº 1, de 16 de janeiro de 2009, disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf).

<sup>10</sup> Devido a experiências semelhantes em outros cursos, a instituição começou a implementar, a partir de 2023, um sistema em que cada estudante disponibiliza o trabalho na sua versão final, após a banca de avaliação e eventuais correções, para arquivamento no repositório institucional.

pertencente à Acadêmica B e um trabalho impresso em sua versão finalizada, de autoria da Acadêmica C, produzido no ano de 2017.

No decorrer desse processo, foi realizada uma leitura minuciosa de cada um dos trabalhos, buscando identificar como cada autora abordou as questões envolvendo a presença da mulher negra e sua conexão direta com a educação, em particular, com o ensino de artes visuais. Essa análise seguiu os princípios delineados por Bogdan e Biklen (2004), envolvendo a busca sistemática e organização dos dados disponíveis na perspectiva de aprofundar a compreensão sobre essas produções, incluindo a identificação de padrões e aspectos relevantes para alcançar os objetivos da pesquisa. Ao reunir e organizar esses dados, surgiram três categorias: A) Reflexões sobre a mulher negra; B) A mulher negra artista; C) A mulher negra professora.

### **A) Reflexões sobre a mulher negra**

Nesta categoria, são apresentadas reflexões sobre a condição da mulher negra na sociedade, destacando excertos que enfatizam essa característica. Tradicionalmente, a perspectiva predominante era a do homem branco heterossexual, no entanto, com a quebra dessa norma, visualizamos uma nova perspectiva, cujas experiências também refletem dados que tentam superar os campos de racismo.

Nas reflexões da Acadêmica C (2017)<sup>11</sup>, a representação socialmente estigmatizada do corpo da mulher negra persiste na sociedade atual e é perpetuada por diversos setores, com destaque para a mídia. Por essa razão, é essencial realizar uma análise crítica da maneira como esses setores retratam a mulher negra e compreender seu papel na construção de identidades contemporâneas. Segundo ela, essa representação acaba por se naturalizar, e essa:

[...] naturalização de modo que se percebe a mulher negra, é construída através de discursos, representações e mitos, reproduzidos historicamente. As mulheres negras carregam bem mais que um corpo objeto, mas um corpo sujeito e que resiste, visto no momento em que refletimos sobre as condições que lhes foram submetidas no período escravista, pós-escravista, mas que ainda assim, nos dias atuais mantêm suas raízes através da sua identidade cultural (ACADÊMICA C, 2017, p. 16).

Quando se olha para o corpo da mulher negra, é preciso entender que o mesmo é permeado por valores e sentidos construídos histórica e socialmente. A demarcação do lugar do povo negro já demonstra a forma social que esse corpo ocupa, seja em exclusão ou exploração, quando submetido a um controle social. Em sua maioria, esses corpos, quando expostos pelas mídias, carregam o estereótipo que vem sendo alimentado desde o período da escravidão, e:

Embora proceda sob certos aspectos, consideramos que essa afirmativa possui uma conotação capciosa e perversa, que encobre as manobras de padrão já estabelecidas pela mídia e que são encobertas por uma possível correlação com a realidade. Esperamos que a mulher negra seja representada levando-se em conta o espectro de funções e as habilidades que ela pode exercer, mesmo em condições econômicas adversas (CARNEIRO, 2003, p. 125).

---

<sup>11</sup> Para preservar o anonimato das autoras, os trabalhos Acadêmica A (2015), Acadêmica B (2016) e Acadêmica C (2017), não estarão nas referências deste artigo.

A luta das mulheres negras contra as manifestações de preconceito e gênero, tem avançado historicamente, visando garantir seus direitos. No campo das artes visuais, as linguagens artísticas que as artistas negras utilizam como forma de resistência proporcionam visibilidade e tornam possível que a mulher negra apresente sua identidade. Nesse sentido, a Acadêmica A (2015), ao refletir sobre a sua pesquisa, destaca, a partir da obra de Tainá Lima, que a artista colabora com a construção de um novo imaginário feminino do universo negro, pois ela “[...] expressa por meio desta linguagem [grafite] seu incomodo a respeito dos padrões estéticos da mulher brasileira vinculados pela mídia, além dos estereótipos e preconceitos construídos sob a imagem do negro, principalmente sobre a mulher negra” (ACADÊMICA A, 2015, p. 29).

São grandes os desafios em prol da construção de um novo imaginário da mulher negra nos espaços que ocupamos, e é no sentido de mudar a dinâmica dessa representação, que elas atuam. Segundo as reflexões de Acadêmica B (2016):

[...] mediadas por problematizações decorrentes da exibição de registros audiovisuais de performances artísticas sobre a temática racial, [...] serão confrontadas as perspectivas de artistas contemporâneos negros e brancos sobre as representações de si nas dinâmicas inter-racial (ou ausência) e também tensões entre os respectivos grupos étnicos, principalmente em se tratando do racismo (p. 138).

Nessa perspectiva, quando uma mulher negra alcança a um lugar de destaque na mídia brasileira, muitas vezes se torna alvo de preconceitos. Além de ser mulher, ela ainda é julgada pelo fenótipo, segundo o qual, a mulher negra não poderia estar naquele local ou cargo, por esforço próprio, em uma atitude que se alimenta e alimenta o racismo estrutural, pois:

Poucas são as mulheres negras que chegam a cargos destinados à supremacia branca. A minoria que ocupa cargos de prestígio, em sua grande maioria é negra de pele clara, e, com traços entendidos como europeus. É nesse sentido que os movimentos negros vêm lutando com ações afirmativas, para que haja maiores possibilidades sociais para a mulher negra (ACADÊMICA C, 2017, p. 17).

Partindo do pressuposto de que os meios de comunicação não apenas transmitem as representações sociais enraizadas no imaginário coletivo, mas também desempenham um papel ativo na construção e reconstrução dos sistemas de representação dentro de sua lógica de produção, concordamos com Sulei Carneiro (2003), quando a autora diz que os meios de comunicação desempenham um papel central na fixação de imagens e significados relacionados à mulher negra. A discussão obre as implicações dessas imagens e os mecanismos que podem promover uma mudança positiva nesse contexto tem sido amplamente abordada, uma vez que:

[...] em discussões online pautas como a da apropriação cultural têm levantado polêmica entre brasileiros negros e brancos e revelado a presença dessas narrativas em seus discursos, cito caso da apropriação de turbantes amplamente discutido na mídia a título de exemplo: coletivos de mulheres negras que fomentam o empoderamento de suas integrantes a longa data, revigorada pela conquista de direitos na última década mediante a implementação de políticas afirmativas [...] (ACADÊMICA B, 2016. p. 61).

Essa estreita relação entre cor e publicidade coloca a mulher negra fora do padrão, seja por sua cor de pele, seu tipo de cabelo, formato dos olhos, nariz e boca. Nessa linha do

preconceito acerca do que se chama “natural”, é dado um destaque ao cabelo crespo que é visto como cabelo “ruim”, que deve ser alisado para ser denominado como cabelo “bom”, não crespo.

### **B) A mulher negra artista**

Nesta categoria, encontram-se excertos que abordam a condição da mulher negra como artista. É importante reconhecer que a história da arte frequentemente esteve sujeita às normas de uma sociedade dominada por homens, o que resultou em representações da mulher sob essa perspectiva e frequentemente reduzida a um papel submisso.

Com a arte contemporânea, essa situação tem mudado de lugar. As mulheres cada vez mais se destacam e contam a sua própria história através da arte, em especial a artista negra, que consegue se expressar sobre seu ser em suas produções, contando a história de seu povo. Abrindo novas possibilidades e repertórios para se trabalhar com o tema da “Cultura Afro-brasileira” no ensino de arte, a Acadêmica C (2017) traz como imperativo reconhecer as individualidades que contribuíram para a formação da sociedade brasileira e entender como essas individualidades foram e continuam sendo representadas na sociedade contemporânea.

Para a Acadêmica, esse reconhecimento envolve a apresentação de propostas artísticas que abordem a representação do corpo da mulher negra dentro do contexto histórico, conectando-a à história da arte e à sociedade, uma vez que “Estudar artistas negras é romper com a invisibilidade do negro, mostrando as contribuições para a sociedade através de suas produções artísticas” (ACADÊMICA C, 2017, p. 35).

Nesse contexto, levar a mulher negra artista – e seu trabalho – para o ensino de arte é contribuir para a construção de uma nova abordagem para as artes visuais. Sabemos que os referenciais curriculares do Estado e do Município apresentam em seus conteúdos a possibilidade de abordar o tema da Cultura Afro-brasileira e Indígena, o que, para a Acadêmica A (2015 p. 49), reverbera em: “[...] compreender – talvez identificar – qual o espaço que a artista negra e a artista indígena ocupam? É na busca por compreender essas identidades femininas que busco a presença das mulheres, tanto na arte, considerando minha formação e curiosidade profissional”.

As artistas negras, ao apresentarem suas produções – em boa parte ou na sua totalidade, como todos os artistas – materializam em suas obras sua história pessoal, a história do seu povo, permitindo que se conheça uma história, dessa vez contada pelo olhar de quem é negra ou negro. E quando a artista chega a esse lugar, suas obras incomodam, percebendo-se a necessária resistência para sermos sujeitos políticos produzindo contra a branquitude.

### **C) A mulher negra professora**

Nesta categoria, são apresentados excertos em que as autoras fazem menções diretas à relação entre a docência e a mulher negra. Ser uma professora negra implica compreender a jornada de lutas e resistências enfrentadas ao longo da formação acadêmica e que ainda serão enfrentadas durante a atuação profissional.

A Acadêmica C (2017) destaca que foi pela busca de sua conscientização como futura professora e pelo respeito e valorização de sua condição como mulher negra que se empenhou na pesquisa de seu TCC. Desde o início do projeto, ela diz ter buscado contribuições do protagonismo negro para poder incorporá-las ao ensino de artes nas escolas, com o objetivo de promover o pensamento crítico e a consciência entre os educandos.

Observa-se nos trabalhos das egressas pesquisadas que o protagonismo da mulher e professora negra incomoda, pois saber que elas estão sendo reconhecidas e valorizadas causa um estranhamento por parte de uma parcela da sociedade que ainda vê os negros como seres inferiores, uma vez que:

Apesar do multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especificamente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço do respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possam se refletir num processo pedagógico (HOOKS, 2013, p. 51).

Nesse processo, encontra-se também a superação da construção que os não negros têm para com os negros, como destaca bell hooks, e que, para a Acadêmica A (2015), ressalta a possibilidade e o dever de se conhecer artistas, escritoras negras, considerando que esse exercício demanda:

[...] compreender essas identidades femininas que busco a presença das mulheres, tanto na arte, considerando minha formação e curiosidade profissional, mas também em todas as áreas de conhecimento da sociedade, pois estou no mundo como mulher, artista e professora de artes visuais. Acredito que a mulher ao expor sua percepção e poética faz da arte, mesmo que não tenha essa consciência, um instrumento de transformação social e por assim dizer, transformação humana. Que mais e outras mulheres, possam refletir sobre sua presença e atuação no mundo, e que essas reflexões encontrem eco e espaço de diálogo na educação (ACADÊMICA A, 2015, p. 49).

Entender como o poder de identidade funciona junto à busca por referências negras possibilita uma versão que quebra a violência do racismo estrutural, pois, além de criar legitimidade nas identidades, estaremos privilegiando um grupo que é ignorado enquanto produtor de conhecimento, arte e cultura. Para a Acadêmica B (2016, p. 138), essa dinâmica objetiva: “[...] uma práxis didático-pedagógica que dialogue [...] a estrutura dos conteúdos curriculares regulares previstos para o ensino de arte [...] elementos da cultura e identidade negra. [...] referentes às relações raciais e ao combate à discriminação”.

Algumas conquistas do povo negro denotam vitórias importantes para a história da população negra no Brasil, representando reconhecimento do direito à memória, como a instituição do dia 20 de novembro em homenagem ao líder negro Zumbi dos Palmares, através do dia Nacional de Zumbi e da Consciência, publicado pela Lei 12.519 de 10 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011). Destacamos também a Lei 10.639 (BRASIL, 2003) que aborda a Educação das Relações Étnico-Raciais, que a partir de 2003 incluiu este conteúdo na escola.

No passado, a população negra teve que recorrer à memória coletiva para alimentar as reivindicações dos seus/nossos direitos. Hoje, se observa a ampliação dos direitos conquistados nas últimas décadas. É um momento de reavaliar a configuração do racismo estrutural e institucional imposto pela sociedade brasileira.

Ao entrar em contato com esses Trabalhos de Conclusão de Curso, pude observar que as histórias das mulheres negras, que ingressam em uma universidade, são relatos de lutas, mas também de conquistas. A mulher negra com formação superior que irá exercer a profissão de professora tem a o seu alcance a possibilidade de multiplicar conhecimentos que transformem nosso ensino num sistema mais igualitário, que dê oportunidades iguais a todos.

## CONSIDERAÇÕES

Queremos reforçar, após o desenvolvimento desta investigação, que, apesar dos avanços, a sociedade ainda enfrenta resistência à discussão do racismo, e a valorização da

história e cultura negra é essencial para superar essa situação. Mulheres negras desempenharam um papel fundamental nesse movimento, enfrentando obstáculos significativos para garantir que suas vozes fossem ouvidas e suas contribuições reconhecidas.

Compreendemos ser bem-vinda e necessária a revisão do currículo escolar para incluir a história e cultura negra efetivamente nas práticas formativas, permitindo que as futuras gerações tenham uma compreensão mais abrangente da contribuição dos afro-brasileiros para o país e ajudando a combater o racismo sistêmico que persiste na sociedade.

Enquanto tal mudança não se concretiza, consideramos ser da responsabilidade de cada professor e de cada professora promover aspectos positivos que facilitem a abordagem desse conteúdo em sala de aula. Isso inclui uma análise mais aprofundada das causas e consequências da diáspora africana pelo mundo, bem como a exploração da história da África pré-escravidão, não se limitando apenas ao período da escravidão, mas destacando figuras históricas envolvidas nas lutas em prol da comunidade negra, retratando-as como protagonistas, e evitando a perpetuação de estereótipos de manutenção racista.

Compreendemos que a busca pelo respeito é necessária para que pessoas negras possam ter uma história diferente, sem a condescendência piedosa de não negros, mas sim com o reconhecimento da capacidade e competência de mulheres e de homens negros. A promoção da emancipação da população negra abrange dimensões que atravessam aspectos econômicos e políticos e incluem nesse processo também a esfera cultural e artística.

A importância de políticas públicas bem elaboradas e a necessidade de analisar a sociedade de forma crítica, considerando as intersecções entre raça/etnia, gênero/sexualidade, classe social, mediadas no ensino de arte, carregam possibilidades de uma abordagem política e situada da mulher e do homem no mundo (SOUZA, 2022; FREIRE, 2020), em práticas que se desenvolvam de mãos dadas com as mãos negras que protagonizam parte da história da Arte no Brasil, pois, em concordância com Nilza Iraci, coordenadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra (2019, n.p.): “Nossos passos vêm de longe e irão muito mais além”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. L. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.
- ALVES, S. R.; RODRIGUES, M. E. Entre arte, ensino e afrodescendência. **Revista da ABPN**, v. 10, ed. esp., p. 800-819, 2018
- BARBOSA, A. M. (org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2017.
- BERTUCCI, J. L. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de curso**: ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu. São Paulo: Atlas, 2014.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2004.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003**: altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 29 out. 2023.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**: altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Casa Civil, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 29 out. 2023.

BRASIL. Casa Civil. **Lei 12.519, de 10 de novembro de 2011**: institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. Brasília: Casa Civil, 2011. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/lei/12519.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/12519.htm). Acesso em: 29 out. 2023.

CABRAL, A. C. M. A profissionalização da mulher no campo artístico. **Ícone**: Revista Brasileira de História da Arte, v. 3, n. 3, p. 86-126, 2018.

CANDIDO, M. R.; FERES JUNIOR, J. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARREIRA, D. **Indicadores da qualidade na educação**: relações raciais na escola. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

COUTINHO, A. S. A produção feminista das mulheres nas artes plásticas e suas implicações no ensino de arte: estudo comparativo entre professores/as de arte de Portugal e Brasil. In: CONFAEB – CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 17., 2007, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2007.

FARIAS GOMES, A. A.; RAMOS, V. A. Tem negras nessa novela? A representação da mulher negra em Lado a lado. **Revista TOMO**, v. 42, p. 1-20, 2023.

FERREIRA, V. M. **Tensões em torno da questão étnico-racial no currículo de cursos de pedagogia**. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GROSENICK, U. **Mulheres artistas**: século XX e XXI. São Paulo: Taschen, 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IRACI, N. **Mulheres negras**: nossos passos vêm de longe e irão muito mais além. **Portal Geledes**, 20 nov. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-nossos-passos-vem-de-longo-e-irao-muito-mais-alem/>. Acesso em: 29 out. 2023.

LEGRAMANTE, N. A fotografia como dispositivo para discutir identidades invisibilizadas: Rosana Paulino. **Porto Arte**: Revista de Artes Visuais, v. 27, n. 48, p. 1-20, 2023.

MADEIRA, Z.; GOMES, D. D. O. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. **Serviço Social & Sociedade**, n. 133, p. 463-479, 2018.

MOREIRA, N. R. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SALUM, M. H. L. Imaginários negros: negritude e africanidades na arte plástica brasileira. In: MUNANGA, K. (org.). **História do negro no Brasil**: o negro na sociedade brasileira, v. 1. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004. p. 337-380.

SANTANA, J. M. **A representação da mulher negra na teledramaturgia brasileira**: um olhar sobre a Helena negra de Manoel Carlos. 2010. 75 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, 2010.

SANTOS, F. B.; CIDREIRA, R. P. **A presença da mulher negra na publicidade**: uma análise da Eudora. *In*: ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DE CULTURA, 15., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019. p. 1-14.

SEBASTIÃO, A. A. Feminismo negro e suas práticas no campo da cultura. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 1, n. 1, p. 64-77, 2010.

SILVA, M. N. **A mulher negra**: o preço de uma trajetória de sucesso. 1999. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, P. C. A. Por quem somos e seremos: fenomenologia, saberes populares, arte e docência. *In*: SOUZA, P. C. A.; ABREU, S. R.; FERNANDES, V. L. P. **Percursos na formação em arte**: abordagens e reflexões epistemológicas. Campo Grande: UFMS, 2022. p. 194-241.

---

**Recebido em:** 30 out. 2023.

**Aprovado em:** 07 dez. 2023.